

Wiriamu: a aldeia da fome negra

gesto 23/2/84

Por Manuela Ferreira/Serviço NP-“O Globo”

Há dez anos, a comunidade internacional estremecia ao ouvir a denúncia missionária do massacre de Wiriamu, um povoado do distrito de Tete da então colónia portuguesa de Moçambique.

Hoje, em Wiriamu, as pessoas morrem de fome dentro das suas próprias casas. Não têm alimentos devido à seca que atormenta a região, e não se podem deslocar a outras aldeias para procurar comida, devido aos ataques dos “bandos armados” (designação genérica dos opositores do Governo moçambicano).

Pelas mesmas razões, é impossível enviar-lhes auxílio regularmente, pois até as viaturas da Cruz Vermelha são atacadas, saqueadas e queimadas.

A algumas dezenas de quilómetros, na aldeia de Capsenda, uma criança esquelética suga, quase sem forças, os peitos engelhados de uma jovem mulher, também ela esquelética.

A seu lado, uma criança de um ano, aparentando apenas alguns meses de idade, ventre saliente e pernas raquíticas, não se consegue manter sentada devido ao seu estado de extrema fraqueza.

A aldeia de Matara tinha 312 habitantes. Num mês morreram 70 adultos e “continuam a morrer” segundo um camponês que acrescenta tristemente: “morreram mesmo de fome”.

Em Janeiro, faleceram, pela mesma razão, 99 crianças.

Em Chacaranza, as crianças vagueiam abandonadas durante o dia, perante a impotência dos pais em as alimentar. Só vão a casa, à noite, para dormir.

Durante o dia, os peizes rodeiam os imbôndeiros à espera que caiam algumas sementes que partem e a que retiram as amêndoas para se alimentarem. Apesar dos seus rostos negros têm o cabelo arruçado e a pele a escamar, devido ao seu estado de sub-alimentação.

Sem forças para ir à escola

Na aldeia de Estima, a escola foi frequentada, o ano passado, por 500 crianças mas, há uma semana, quando se iniciaram as aulas apenas se apresentaram 60.



Uma foto colhida numa aldeia de Moçambique. A fome é uma realidade do tempo presente

As outras ou morreram, ou acompanharam os pais no êxodo, ou estão tão fracas que não têm forças para se deslocar à escola.

O administrador de Estima revela desconhecer que, a seis quilómetros, numa aldeia sob a sua jurisdição, morreram dezenas de pessoas. Segundo afirma, não tem combustível para fazer o levantamento da situação.

Na mesma região, um missionário que, na falta de combustível, chegou já a organizar comboios de burros para irem comprar farinha de milho ao Zimbabué, a 180 quilómetros, mostra-se desalentado.

Acabou de distribuir os últimos alimentos que tinha. “Ainda os são... mas os leprosos, os cegos, os velhos... o que lhes faço?”

Morrem os mais fracos, morrem “os que não tem gado” diz o povo na região. Se bem que a afirmação não corresponda exactamente à realidade, a verdade é que quem tem animais domésticos sempre os pode trocar por um pouco de farinha de milho. Uma galinha, por exemplo vale actualmente uma lata de litro em farinha.

Aqueles que conseguiram semear nos leitos dos rios ou nas baixas, trocam melancias por farinha e vão-se alimentando com folhas de abóbora.

Dos rios restam apenas os leitos areosos e o pouco que se pode semear, há alguns meses, está seco ou murcho.

Há dois anos que não chove o suficiente e a população não sabe

ainda armazenar os excedentes para recorrer a eles nos momentos de escassez.

A loja da aldeia de Missaua tem as prateleiras vazias. Para comercializar há, por junto e atacado, quatro calças plásticas para bebé.

Partida para o Zimbabué

Na aldeia de Pacassa, a loja local apresenta maior variedade: várias caixas de fósforos e quatro rolos de papel higiénico — um verdadeiro luxo se considerarmos que nem em Maputo se encontram à venda tais artigos, uma enorme miséria se pensarmos que se encontram ali porque a população local, num estágio de grande sub-desenvolvimento, não tem por hábito usar tais artigos.

Em qualquer destas aldeias, mais de metade da população partiu para o Zimbabué à procura de comida e de trabalho, abandonando as suas plantações que as matas começaram já a invadir.

Um camponês interrogado se não seria melhor procurar que os emigrantes forçados regressem e apoiá-los a plantar de novo. Perguntou admirado: “obrigá-los a voltar?... e o que lhe vamos dar de comer?”

Por todo o lado, há a ameaça de maiores danos pessoais e humanos nos próximos meses, numa calamidade cujos efeitos se sentiram por muitos anos.

No princípio deste mês, o Governo de Tete viu-se obrigado a distribuir instruções precisas para que os cadáveres fossem imediatamente recolhidos pelas autarquias locais.

Os vivos amontoavam os mortos e já não cuidavam de os enterrar.

“As pessoas pensam: se eu o enterrar a ele, quem é que me vai enterrar a mim?” conta um aldeão.

Risco de epidemias

Para além das situações já evidentes de desnutrição, desidratação e envenenamento alimentar, é cada vez mais forte o risco das epidemias causadas pelos cadáveres humanos e animais em decomposição, pelo consumo de águas paradas e estagnadas.

Nas aldeias não há sequer desinfectantes à venda tal como na capital distrital, Tete, onde uma simples garrafa de litro de inseticida custa 362 meticais (1194 escudos).

Quase não existem médicos na província, sendo o número de medicamentos extremamente reduzido e insuficiente.

Os fornecimentos vindos de outras províncias chegam muito irregularmente, devido aos ataques constantes dos “bandos armados”. Há aldeias que há quase dois meses, não recebem qualquer abastecimento.

Em Matara, um grupo de homens espera há quatro dias que regresse um responsável local que foi de bicicleta buscar um saco de farinha, algumas dezenas de quilómetros adiante.

“Aqui nós estamos a passar muito mal quanto à fome”, comenta um deles, José Cerejo, acrescentando que na aldeia de 312 pessoas morreram em Dezembro 70 aldeões — fora as crianças.

Conta que, em Janeiro, houve um dia em que choveu e eles semearam, mas o sol ardente já queimou tudo.

Em Chacaranza, um outro camponês aponta para o celeiro tradicional e comenta: “antigamente é que o utilizávamos. Agora é só uma figura”.